

Cartel franco-brasileiro de psicanálise
Ciclo de conferências 2019-2020: Retorno do porrete?
4 de março de 2020

As conferências precedentes deste ciclo nos permitiram começar a examinar o impacto da supressão do impossível - que o discurso do capitalista promove - sobre a autoridade, o saber, o objeto e os gozos, e também sobre o sujeito da fala.

Qual é o impacto disso no campo religioso, que se tornou como se sabe, um "mercado da salvação"? Vamos tomar o exemplo do aumento vertiginoso das seitas evangélicas no Brasil, para interrogar a afinidade desse tipo de religiosidade com a economia neoliberal e a especificidade do retorno do porrete produzido por esta nova forma de radicalidade.

Evangélicos: qual futuro para essa ilusão?¹

Angela Jesuino

Como alguns aqui o sabem, a questão da expansão das Igrejas evangélicas no Brasil desperta minha atenção já faz alguns anos. Desde meus primeiros trabalhos em 2002, sua propagação no mundo (América do Norte, África, Ásia, Europa) e em particular no Brasil e na América Latina tem se confirmado. É importante saber que somente no Brasil se conta hoje, 40 milhões de evangélicos.

A primeira questão aqui será a de tentar saber porque. Porque tal crescimento? Porque este fervor? O que leva hoje, a que os movimentos evangélicos tenham mais e mais lugar na cena política? Na mídia? Na sociedade?

Em seguida, segunda ordem de questões, o que isso é susceptível de nos ensinar no que concerne às questões levantadas pelo ciclo este ano, que sublinha esse movimento pendular que parece ser próprio a nossa contemporaneidade, entre um apelo contínuo ao gozo e um retorno do porrete, que implicaria uma certa abertura a todos os radicalismos inclusive o religioso.

No entanto, antes de entrar mais efetivamente em minhas argumentações, é necessário fazer algumas precisões semânticas. Quem são hoje, pelo menos na América latina, os denominados evangélicos? Eles recobrem um campo religioso formado pelas denominações cristãs surgidas da Reforma Protestante europeia no século 16. O que compreende também as igrejas protestantes históricas (Luterana, Presbiteriana, Anglicana, Metodista, Batista e os Pentecostais).

Uma pequena observação para os que não são familiarizados com essas denominações: sobre o plano doutrinal, o traço comum a todas as formas de Pentecostalismo é a crença de que o Espírito Santo distribui diretamente seus dons aos crentes, sem mediação de um clérigo, como no dia de

¹ Tradução de Amélia Lyra

Pentecostes. Esta doutrina pode ser definida assim: "O discurso teológico pentecostal é um discurso sobre os dons do Espírito, sobre a multiplicidade dos dons do Espírito, sobre sua característica contemporânea e direta. Inversamente a imagem da graça acordada do alto e predestinada a toda eternidade, no Pentecostalismo existe a imagem da reunião dos apóstolos. Estes, se fusionam na jubilação do Espírito Santo e pregam em todas as línguas. O Pentecoste é o começo do reino de Deus: o Espírito Santo se expande na efusão de carismas que ele distribui onde ele quer: "o Espírito sopra onde ele quer!"²

Entretanto, divergências doutrinárias mais marcantes aparecem, a partir dos anos 50, no seio dessa comunidade mais vasta, no que concerne ao Brasil, onde se vê surgir um Pentecostalismo que vai dar uma grande importância à "cura divina". A partir dos anos 70, a cura divina, a polêmica com as religiões afro-brasileiras e um forte investimento nas TVs (aliás, calcadas nos canais de televisão evangélicos americanos) veem desenhar o contorno do neopentecostalismo brasileiro, corrente que vai se firmar em 1977, com a criação da *Igreja Universal do Reino de Deus* (IURD).

É então sobre a ramificação do protestantismo histórico e do pentecostalismo clássico que vem florescer o que se chama hoje o neopentecostalismo e cuja *Igreja Universal do Reino de Deus* seja talvez o exemplo mais significativo e sobre o qual vou me estender mais esta noite e lhes direi porque.

Feita essas precisões, se retomarmos o texto de Freud que inspirou meu título, de qual tipo de ilusão se trata nesse caso? E porque isso funciona tanto? Será que podemos seguir as elaborações de Freud nesse texto para nos orientarmos?

Talvez para avançar seja necessário, inicialmente, fazer dialogar *O futuro de uma ilusão* (1927) com *A Terceira*, texto de Lacan de 1974, onde há também questões das relações com a ciência, com a religião e com a psicanálise, pois podemos pensar que esses dois textos vão nos esclarecer de modo diferente.

Em *O futuro de uma ilusão*³, Freud coloca toda uma série de questões concernentes às representações religiosas: "em que consiste o valor particular das representações religiosas?" "qual é então a significação psicológica das representações religiosas e sob qual rubrica podemos classificá-las?" ele nos convida também a considerar "a gênese psíquica das representações religiosas". Para todas essas questões ele dá uma resposta surpreendente: "estas aqui, que se dão como dogmas, não são precipitados da experiência ou de resultados últimos do pensamento, são ilusões, realizações de desejos, os mais fortes e os mais imperativos da humanidade".

Mas, o que quer dizer ilusão, sob a pena de Freud? Ela deriva de desejos humanos ela se aproxima da ideia delirante, mas se distingue dela, pois ela não é necessariamente falsa, quer dizer, irrealizável, ou em contradição com a realidade. Ele vai adiante: "Chamamos então uma crença de ilusão porque em sua motivação a realização do desejo vem em primeiro plano e fazemos aí abstração de sua relação com a realidade efetiva, assim como a própria ilusão renuncia a ser crível".

²A. Corten, *Le pentecôtisme au Brésil*, Paris, Karthala, 1995, p.180

³S. Freud, *O futuro de uma ilusão*, Ed. Imago, 1977

O que permite a Freud, classificar as doutrinas religiosas: "elas são todas ilusões indemonstráveis, então não seria correto obrigar ninguém a acreditar nelas" pois, sublinha, "não podemos julgar o valor de realidade da maioria delas". E adiante conclui, dizendo que "esta investigação não tem por finalidade tomar posição sobre o valor de verdade das doutrinas religiosas (...) nos basta reconhecê-las em sua natureza psicológica, como ilusões".

Que nos diz Freud com essa insistência em tratar as representações religiosas como ilusões, aproximá-las do delírio, mesmo de um delírio de massa, em lhes mensurar com a realidade? Proponho a vocês ler aí a relação das representações religiosas não com a realidade, mas com o Real. A representação religiosa como uma tentativa de lidar com o Real? Em todo caso, ao separar a religião da psicanálise, Freud conclui esse texto assim: "Não, nossa ciência não é uma ilusão. Mas, seria uma ilusão crer que poderíamos receber de outro lugar o que ela não pode nos dar." Este texto termina então com a afirmação de um impossível, de um real, de um furo.

O diálogo com o texto de Lacan está aberto, pois no que diz respeito a *A Terceira*, as relações entre ciência, religião e psicanálise são articuladas em torno da questão do Real e das diferentes formas de tratá-lo. Esta questão do tratamento do Real pela religião vai nos interessar especialmente aqui e pode com efeito nos ajudar a ler o que está em jogo nesse casamento aparentemente bem-sucedido entre o neopentecostalismo e o discurso capitalista. Mesma forma de tratar o impossível, de apagá-lo, de negá-lo. Mesmo meios? Esta será também uma de minhas questões.

De outro lado, na conferência à imprensa, que precede sua terceira conferência em Roma, Lacan anuncia um possível triunfo da religião nesses termos: "ela não triunfará unicamente sobre a psicanálise, ela triunfará sobre muitas outras coisas ainda. Não podemos imaginar o quanto é potente a religião. A ciência vai introduzir tantas perturbações que será necessário, que a todas essas perturbações, eles deem um sentido ... Vão secretar sentidos a dar com o pau, e então alimentará não somente a verdadeira religião, mas também um monte de falsas." Lacan não previu, com efeito, nem o crescimento das neopentecostais nem da teologia da prosperidade que a inspira, com a instauração de um tipo de relação ao sagrado que é necessário interrogar à luz da economia de mercado.

Diálogo sim, mas podemos também, me parece, ressaltar um ponto de ruptura entre Freud e Lacan no que tange essas questões. Seria pertinente afirmar que para Freud a racionalidade científica nos salvaria da religião enquanto que para Lacan seria ela que nos mergulharia de novo aí ? O neopentecostalismo nos tira desse dilema produzindo a subversão de uma e de outra. Com efeito, encontramos nele uma recusa da ciência (darwinismo versus criacionismo, a cura pela fé) e dos dogmas do cristianismo clássico (sacrifício, vida eterna, consolação diante da morte) em proveito de quê? De uma fé instrumentalizada para permitir a cada um entrar com tudo no discurso capitalista, na esperança de se beneficiar das promessas da economia liberal cuja maioria dos fiéis se sentem excluídos. Seria esse o milagre esperado, a ilusão sustentada, poder consumir e *in fine* se consumir em um gozo sem entraves?

Guardemos então o Real como fio condutor de minha fala dessa noite, fio que parece reunir, se minha leitura é correta, esses dois grandes textos.

Lembremos a esse respeito, o que Lacan precisa ainda na lição de 13 de novembro de 1973, do seminário *Les non dupes errent*:

"Então, o que Realiza o Simbólico do Imaginário, será que é outra coisa que a religião? O que Realiza em termos próprios o Simbólico do Imaginário, é o que faz com que a religião não esteja perto de acabar". Lembro que Lacan aqui está falando do Cristianismo, do que ele chama a verdadeira religião, na medida em que ela se sustenta na trindade.

A questão então é saber se podemos manter essa definição rigorosa de Lacan face aos recém-chegados à ramificação do cristianismo ou se é necessário buscar outra articulação entre R, S, e I, outra escritura que viria dar conta dessa mutação no centro mesmo do sistema de crenças.

Então, para reforçar minhas questões, vou lhes falar da Igreja Universal do Reino de Deus. Porque esta Igreja em particular? Porque ela não é unicamente uma unidade religiosa, mas um partido, uma força econômica, um império midiático, uma empresa. Também porque essa entidade cristã, evangélica e neopentecostal brasileira, criada no Rio de Janeiro em 1977, é uma das entidades que cresceu mais rapidamente no início do século 21. Ela conta, hoje, com certeza, com mais de oito milhões de fiéis no Brasil e seis milhões no resto do mundo, pois ela está presente em 180 países diferentes. Para lhes dar uma ideia de sua progressão, "somente" 80 países foram citados em um recenseamento feito em 2002.

Como não vou pedir que acreditem em mim piamente, vou me empenhar em lhes dar uma ideia rápida do que se trata.

"A Igreja Universal como a maioria das megaigrejas que florescem dessa forma (Nigéria, Coréia do Sul) é Pentecostal em suas crenças e práticas e inovadora em suas liturgias, incluindo nelas músicas contemporâneas, cultos com participação intensa e incorporando de forma agressiva técnicas de *marketing* muito modernas em seus métodos de evangelização. Trata-se de uma variação moderna do pentecostalismo que dá ênfase à miraculosa transformação da vida, em termos não só de espírito e corpo, mas às vezes mesmo de estilo de vida e padrões de consumo" ⁴

"Ela promove um tipo de crença que não privilegia as grandes questões teológicas: Quem é Deus? Porque Deus permite o sofrimento? Qual é o significado da vida? Mas, antes de tudo, apela grandemente para as carências e necessidades do mundo real das pessoas, no qual o sucesso é medido quase que exclusivamente pela abundância e consumo, onde pecado e graça são definidos, respectivamente, pela pobreza e pela riqueza."⁵Que dizer então da teologia da IURD, se é que existe uma, pois ela se diz uma teologia anti-teológica? De fato, o pastor Edir Macedo diz que todas as formas de teologia e todas as ramificações da teologia são fúteis. A publicidade de seu livro intitulado "A libertação da teologia" - que ataca a Teologia da libertação, católica - explica bem que a fé ultrapassa a teologia: "O estudo da Palavra de Deus não deve ser negligenciado em nenhum momento. Mas existem muitos que se preocupam apenas com a letra, deixando de lado os princípios práticos da fé que ultrapassam a teologia. É necessário acordar para o verdadeiro cristianismo, para a verdadeira fé".⁶

A IURD defende o que alguns chamam uma versão pós-moderna do cristianismo. O que isso quer dizer? Quer dizer uma teologia maleável com uma grande flexibilidade, combinada entre os pastores,

⁴Cf. V. Garrard-Burnett, in *A vida abundante: a teologia da prosperidade na América latina*

⁵Ibid.

⁶ Bispo Macedo, in *A libertação da teologia*, Coleção Reino de Deus, Rio de Janeiro, Editora Gráfica Universal, 1993

na reinterpretação dos dogmas da Igreja de forma a que elas possam aderir o mais possível as condições e expectativas de cada público visado, dito de outra forma, a cada segmento do mercado. Hoje, apesar do que se possa dizer, a IURD não é unicamente a igreja dos pobres, mas também, e cada vez mais, da classe média e isso não deixa de ter consequências políticas como poderemos ver.

Isso implica também que ela é muito mutável e sincrética, no que a IURD é profundamente brasileira. Ela se transforma, inventa novos códigos estéticos, incorpora/devora elementos de outras religiões em seu teatro litúrgico, mas permanece essencialmente conservadora. Ela pode assim sucessivamente abrir uma guerra feroz aos cultos afro-brasileiros, utilizar o transe, o exorcismo, fazer apelo a uma vertente psychologizante e colocar em ação a terapia do amor, nomear sua sede mundial *O Templo de Salomão* e fazer apelo aos símbolos hebraicos, aderir a uma estética militar, policial, cada vez mais em voga no Brasil de Bolsonaro e criar, já em 2015, o impressionante Exército dos Gladiadores do Altar, sobre o qual lhes convido a assistir os vídeos no YouTube. As palavras mestras aqui são flexibilidade, adaptação, assimilação, aculturação.

Esta capacidade de adaptação, quer dizer, esta capacidade de gerar uma teologia própria a preencher tal ou qual nicho do mercado é sem dúvida uma das razões pela qual a IURD é considerada hoje como um dos mais importantes produtos de exportação da América latina e talvez o mais audacioso. Seguramente também suas aspirações globais claramente anunciadas se mantêm de uma sábia mistura entre marketing e mensagem evangélica graças a qual a IURD tornou-se um caso importante de expansão do mercado religioso, um vendedor de "bens da crença" muito eficaz.

Mas o que me interessa ainda mais na IURD é o fato de, contrariamente a outras igrejas evangélicas ou mesmo pentecostais, é que ela colocou no centro de seu discurso híbrido, a teologia da prosperidade. Esse é o grande acontecimento, a grande novidade, a grande transformação.

Poderíamos resumi-la em uma frase, citando o evangelho segundo São João: "Eu vim para que os homens tenham a vida, uma vida abundante, na abundância» que serve à teologia da prosperidade como um leitmotiv e é interpretado como um apelo do altar para o sucesso material e pessoal, em uma leitura da Bíblia ao pé da letra, sem metaforizarão. O que é também uma das características dessas igrejas neopentecostais. Para lhes dar uma ideia do uso que é feito disso, o Pastor Edir Macedo termina todas as pregações dizendo: "que Deus abençoe a todos abundantemente".

Se a origem dos movimentos neopentecostais remonta aos Estados Unidos dos anos 40, ele só irá constituir-se como movimento doutrinário nos anos 70 quando encontra abrigo nos grupos evangélicos carismáticos e adquire visibilidade. Sua origem tem também uma importante conexão com a expansão das televisões evangélicas de onde a estratégia midiática da IURD certamente se inspirou. Eu lhes falei de um império midiático: televisão, rádio, imprensa, editoras, produtoras de discos, jornais, revistas, sites na internet. Esta comunicação de massa tem um papel muito importante no proselitismo religioso dos neopentecostais, lhe dá força e um trunfo político certo e contribui sem dúvida no estabelecimento de uma mudança profunda no campo religioso no Brasil.

A teologia da prosperidade subverte então o velho ascetismo pentecostal e promete prosperidade material, saúde perfeita, redenção da pobreza nessa vida, poder terrestre, triunfo sobre o diabo e vitória sobre não importa qual sofrimento. O bem-estar material não é simplesmente um subproduto da vida na virtude e sim, o presente sobrenatural de Deus ao crente e que não é diferente de outros

presentes do Espírito Santo como a glossolalia e a cura pela fé. A ideia de que Deus recompensa seus fieis com o dinheiro e bem-estar material seria então uma ideia nova, do século 20.

E não vamos deixar por menos.

"Nós ensinamos as pessoas a pedir contas a Deus sobre o que está escrito. Se ele não responde, a pessoa deve exigir, bater o pé e dizer: estou aqui, tenho necessidades" nos diz Edir Macedo durante uma pregação.

"Quando vocês forem pedir ao Senhor um trailer para acampar, não podem esquecer de dizer de qual cor vocês o querem" segundo um tele evangelista bem conhecido.

Isso pode nos parecer anedótico, risível, e não tenho tempo de citar aqui todos os testemunhos largamente difundidos em sua mídia nos quais é "graças a Deus" que "comprei o carro do ano" que "salvei minha empresa da falência", que "comprei um apartamento", que "tenho um salão de beleza de 360 metros quadrados", etc. ...

Mas não podemos ler tudo isso sem fazer a hipótese que desde então o discurso capitalista, a máquina neoliberal, a febre de consumo, encontra-se aninhada no coração mesmo do discurso e da prática dessa seita de massas.

Então, a que isso leva? Quais são as consequências disso? Vou me estender aqui sobre dois aspectos: a relação com Deus e a relação com o Real que são aí promovidos.

Comecemos pelo Real que se acha de fato, como no discurso capitalista, desalojado de seu lugar de impossível, mas aqui, graças a uma fé instrumentalizada que vem apagá-lo, negá-lo, desprezá-lo.

A morte por exemplo não é citada no discurso da IURD. A morte viria na contramão do acento dado aos resultados, a vida próspera aqui e agora, ao evitamento da dor, do sofrimento, da pobreza e da velhice. A morte não é bem-vinda pois ela entraria em contradição com o discurso do narcisismo triunfante que a IURD oferece a quem quer entrar no Reino de Deus, seu reino de riquezas e pagar o dízimo, claro.

Mas mesmo aí, ainda não se trata de um verdadeiro sacrifício, é muito mais um investimento, pois Deus torna-se então um devedor, um igual, um associado, que sabe devolver com juros o que vocês investiram. Não há então nenhuma perda inscrita no quadro. Eu não caricuro muito. Se vocês entrarem no reino de Deus vocês terão, como ele, o poder, a fé, a força. Ser o filho de Deus é ser o filho de um pai rico e potente, é ter as mesmas riquezas que ele e cada fiel da Igreja pode pretender tornar-se um gigante como ele. "Tu és deus" com letra minúscula, mas, assim mesmo, deus". Um novo nascimento é proposto com o batismo, com uma aliança com Deus. E o fiel pode adquirir a essência divina, tornar-se um Deus por sua vez. Em consequência, a palavra de fé tem o poder de transformar a realidade torná-la conforme as palavras pronunciadas em nome de Jesus. Proclama e toma posse, é o credo. Uma palavra que se torna mágica? Performativa?

Isso tem consequências na relação com o sagrado e a IURD dá a ler isso de uma forma muito clara. Por exemplo, esta Igreja fez progressivamente uma mudança de nomenclatura que mostra o deslizamento em ação. Assim, o templo torna-se um "Centro de ajuda coletiva" ou a "Casa da

felicidade", o culto se chama desde então reunião ou conferência, o pastor, o conferencista, e o dinheiro torna-se o sangue da Igreja.

De outro lado, ao contrário da teologia da libertação que fazia apelo a uma opção pelos pobres e exigia mudanças políticas e justiça social, a teologia da prosperidade vem se impor preconizando uma opção pelos ricos e desprezando o contexto político-social, pois junto com ela os verdadeiros crentes vão prosperar sob não importa qual regime político ou econômico. Isso tem consequências políticas, claro, nem que fosse na construção da cidadania em um país onde diante das desigualdades sociais, essa questão é deixada em terra árida.

Falemos do casamento controvertido entre os evangélicos e a política no Brasil. Se a presença dos evangélicos na vida política brasileira data dos anos 30 e atravessa todos os governos no poder, quer seja de direita ou de esquerda, assistimos hoje a uma aliança muito importante entre os neopentecostais e o governo de Jair Bolsonaro a ponto que podemos nos perguntar o que será que o Estado brasileiro está cedendo aos evangélicos? Certamente, a laicidade.

Mas, de modo mais geral, as ligações perigosas entre a política e os movimentos sectários de massa estão suscitando hoje, tanto na América do Sul como na América do Norte, o primeiro caso na história onde seitas "conversionistas" cristãs chegam a ter uma tal relação privilegiada com o Estado. Existe um novo estilo muito agressivo, com pretensões hegemônicas bastante claras, com uma tentativa de apropriação do Estado democrático por uma mentalidade sectária e com fins próprios. É o caso do Brasil de Bolsonaro, onde Damares Alves - atual ministra dos Direitos do homem, da Família e das Mulheres e pastora evangélica - já em 2016 dizia: "Não é a política que vai mudar a nação, mas a Igreja. Chegou o momento de a Igreja governar." É o caso também nos USA onde o movimento *religions right* composto por cristãos fundamentalistas posicionou-se muito perto de Trump e de membros de seu governo.

Em todo caso, não devemos esquecer que a eleição de Bolsonaro se deve muito ao eleitorado evangélico, 69% dos evangélicos votou nele. Também não é estranho então, que hoje os evangélicos ocupem 38% das cadeiras do Congresso Nacional e que uma Frente Parlamentar evangélica comporte deputados de vários partidos políticos, abarcando praticamente todo o espectro de correntes políticas. Não devemos esquecer também que o descrédito da política teve resultados e se conta hoje mais adesões às igrejas evangélicas do que aos partidos políticos.

Queria citar sobre isso, trecho de um artigo da socióloga brasileira, Esther Solano⁷: "A quem interessa esse desprestígio da política? Bom, há um lado claramente favorecido. Se o Estado não funciona porque é corrupto, então quem funcionará é... o mercado. Se as empresas estatais não funcionam por serem ineficazes e sumidoras do dinheiro público, então privatizemos. Se os políticos profissionais são todos corruptos, votemos em juízes, apresentadores de tevê, empresários, bispos ou militares. Se os partidos, os sindicatos e os movimentos sociais são todos corruptos, então a saída é o individualismo, a meritocracia, cada um por si. E também, a família, a Igreja, pois o bom dízimo é sempre bem-vindo, o capitalismo celestial funciona muito bem. A terra é corrupta, os céus não."

⁷*Recuperar a política*, in Carta Capital nº 1093, de 19/02/2020

Não é por nada que o título desse artigo fazia a constatação que podemos partilhar: "A negação do mundo político só favorece o mercado. Cria monstros".

Antes de concluir, e para tentar responder à questão colocada em meu título e sem querer fazer profecias, certamente que o futuro dessa ilusão será o mais próspero, o mais radioso tanto esta forma de religiosidade parece unir-se ao século e ao tipo de economia que o comanda.

Mas no fundo penso que é muito mais que isso.

O que o aumento dos evangélicos nos mostra inicialmente é que o discurso capitalista não poupou o domínio do religioso e que ele veio se aninhar no coração mesmo do sistema de crenças introduzindo aí uma mutação sem precedentes nas relações do sujeito ao sagrado.

Por outro lado, as seitas de massa oferecem um suporte "teológico" ao sistema neoliberal e tornam-se o "braço crente" do neoliberalismo econômico e de uma moral conservadora que invade o mundo político atual. A contrapartida é uma conquista progressiva e determinada dos espaços de poder nas democracias ocidentais.

Entretanto, podemos falar de uma nova forma de radicalidade? Compará-la a outras radicalidades religiosas? Eu poderia sustentar, em todo caso, que esse fundamentalismo evangélico se apresenta sob uma forma mais insidiosa e mais "soft" em uma tentativa de Imaginarizar o Real, apagá-lo de algum modo, enquanto que o radicalismo islâmico estaria do lado de uma tentativa de Realização do Simbólico, o que não é a mesma coisa.

Mas essa mutação do sistema de crenças pode interessar aos psicanalistas porque ela implica a transferência e a questão das condições de instauração de um sujeito suposto saber. Lastimo que os psicanalistas não se interessem pelos evangélicos, pois eles se interessam muito por nós. O ataque a psicanálise retorna com força, agora com apoio político governamental. Porque? Existe certamente, muitos níveis de resposta: uma disputa de mercado, a concorrência feita à cura pela fé, o tipo de "tratamento" que eles propõem inclusive propondo uma formação, por exemplo. Mais seriamente, acredito que a resposta se situa em outro lugar. No discurso neopentecostal particularmente, observamos um ataque às leis da linguagem, com o apagamento da equivocidade e a corrosão da metáfora e da metonímia. Este discurso, se é que se trata de um discurso, é profundamente antinômico com o discurso analítico e o Real que o sustenta. Esta antipatia dos discursos e do tratamento do Real que daí decorre, me parece uma razão mais que suficiente.

Para concluir, queria retornar sobre esse movimento de pêndulo colocado em destaque, neste ciclo de conferências, entre um apelo contínuo ao gozo e o retorno do porrete, pois assistimos hoje, no Brasil, a uma situação que merece reflexão.

Se antes podíamos falar de uma **carnavalização da política** hoje assistimos, no Brasil de Bolsonaro, a uma **politização do Carnaval**. É, com efeito, nesse momento de licença e de transgressão, nesse momento de gozo coletivo, que uma resistência política se faz ouvir particularmente nas letras dos sambas-enredos das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. Único discurso de resistência política hoje susceptível de vir atingir as massas não politizadas, o carnaval parece associar o *carnal* de carnaval à matriz de uma tomada de consciência política e cidadã e dar voz a expressão política de toda uma parte da população até aqui afônica.

Eu lhes dou a ler, infelizmente sem a música, duas estrofes dos samba-enredo de duas das maiores Escolas de Samba do Carnaval do Rio 2020. Observem que o casamento entre política e Igreja evangélica é também claramente denunciado, pois o carnaval e toda a cultura popular está igualmente na mira do retorno do porrete conservador, manejado com destreza pelos pastores.

Portela:

*Nossa aldeia
É sem partido
Ou facção
Não tem Bispo
Nem se curva a capitão*

Mangueira

*Favela
Pega a visão
Não tem futuro
Sem partilha
Nem messias de arma na mão*

Que nos ensina então o carnaval do Brasil desde a chegada de Bolsonaro ao poder e a derrota da vida política que vai junto? A politização do carnaval faz valer uma resistência ao retorno do porrete autoritário e conservador que se organiza a partir do lugar mesmo de um gozo de massa, o que pode parecer paradoxal e incongruente. No fundo, isso coloca a questão de saber se uma articulação entre gozo e ação política é possível e se isso poderia vir marcar uma nova forma de fazer política.

Eis, em todo caso, as questões que a progressão espetacular das seitas evangélicas em um país como o Brasil, mas não unicamente, podem colocar para nós, psicanalistas.

Obrigada pela atenção de vocês.